

# AMAVIO

Música: Xavier Bartaburu  
Letra: Edson Penha

Quando a madrugada talha  
Tão sisuda, qual mortalha  
Rasga o mundo um assobio

Calafrio e cainçalha  
Boi que muge, bode ralha  
Faz-se o mundo tão sombrio

Tem matinta no arruado  
Rouba sono, faz estrago  
Vilarejo em pavorio

Tá rondado, tá amuado  
Já se encontra avançado  
Tem na língua amavio

Um mais crente, bambeado  
Tomou frente no agregado  
Livro santo e coração

Para trás ficou o exato  
Na mão, naco de tabaco  
Essa era a condição:

“Este fumo é só pra ti  
Se quiser, tem mais aqui  
Leve tudo e se vá

Vá pra outro povoado  
Pite tudo com bom grado  
Deixe o este assossegar”

Mas no sol em sua arraiada  
Uma velha desgrenhada  
Manquejante, apareceu

Deu risada em gargalhada  
Ave preta na espádua  
Fumo velho recolheu

Mas só pode assossegar  
Se pra alguém ela deixar  
Seu castigo infeliz

Como quem deixa herança  
Põe na cara uma fiança  
E começa a repetir:

“Quem quer? Quem quer?  
Estou pronta pra partir  
Deixo joias, deixo ouro  
Propriedades pra auferir  
Deixo joias, deixo ouro  
Propriedades pra auferir

Quem quer? Quem quer?  
Estou pronta e falo sério  
Deixo tudo e mais um pouco  
Pra quem me disser “eu quero!  
Deixo tudo e mais um pouco  
Pra quem me disser “eu quero!”

“Quem quer? Quem quer?  
Estou pronta pra partir  
Deixo joias, deixo ouro  
Propriedades pra auferir  
Deixo joias, deixo ouro  
Propriedades pra auferir

Quem quer? Quem quer?  
Estou pronta e falo sério  
Deixo tudo e mais um pouco  
Pra quem me disser “eu quero!  
Deixo tudo e mais um pouco  
Pra quem me disser “eu quero!”

# AVOENGO

Música: Xavier Bartaburu

Letra: Edson Penha

Quem, quem, quem vem? Aí vem!  
Vem no meio da picada  
Quem, quem, quem vem? Aí vem!  
Coisa coxa e emborcada (2x)

Vem de longe tal andejo  
Sua sina é seu degredo  
Quem contou foi fabuleiro  
Que em suas costas tem segredo

Incomum entre os iguais  
Um molambo, assim-assim  
Veias, seiva de ancestrais  
Maldição, coisa ruim  
Veias, seiva de ancestrais  
Maldição, coisa ruim

Quem, quem, quem vem? Aí vem!  
Vem no meio da picada  
Quem, quem, quem vem? Aí vem!  
Coisa coxa e emborcada (2x)

Tem nas veias um futuro  
Quando ele avelhantar  
Vai viver num esconjuro  
Um Quibungo vai virar

Um perdido, um medonho  
Grande fome lhe consome  
Andarilho tão bisonho  
A criança que vê, some  
Andarilho tão bisonho  
A criança que vê, some

Quem, quem, quem vem? Aí vem!  
Vem no meio da picada  
Quem, quem, quem vem? Aí vem!  
Coisa coxa e emborcada (2x)

Mas o soturno é um mijote  
Quando pego, dá até pena  
Chora de encher o pote  
Geme, funga e faz cena

Ele sabe que é fracote  
Qualquer coisa lhe faz corte  
Bala, faca ou barrote  
Põe destino em sua sorte  
Bala, faca ou barrote  
Põe destino em sua sorte

Quem, quem, quem vem? Aí vem!  
Vem no meio da picada  
Quem, quem, quem vem? Aí vem!  
Coisa coxa e emborcada (4x)

# CAIM

Música: Xavier Bartaburu

Letra: Edson Penha

Fez-se dia, cujubim  
Céu azul, quase cetim  
Tá de pé outro Caim  
Fogo, ferro, vastação  
Rasga mata, é capitão  
Tá no chão a castanheira  
Gravatá e aroeira  
Cantando os oito em quadrão

Inhambu noite chamou  
O vento não se calou  
Bambual desatinou  
Urros na escuridão  
Fez-se morta a razão  
O calado ressurgiu  
Assombrio em desvario  
Cantando os oito em quadrão

Fez-se dia, cujubim  
Céu azul, quase cetim  
Tá de pé outro Caim  
Fogo, ferro, vastação  
Rasga mata, é capitão  
Tá no chão a castanheira  
Gravatá e aroeira  
Cantando os oito em quadrão

Inhambu noite chamou  
O vento não se calou  
Bambual desatinou  
Urros na escuridão  
Fez-se morta a razão  
O calado ressurgiu  
Assombrio em desvario  
Cantando os oito em quadrão

Do vão, vem renegado  
Do chão, ressuscitado  
Do zero, reanimado  
Cê tá de ingratidão  
Não deve pedir perdão  
Caim passado lhe pede  
Que o coxo lhe carregue  
Nesses meus oito em quadrão

Do vão, vem renegado  
Do chão, ressuscitado  
Do zero, reanimado  
Cê tá de ingratidão  
Não deve pedir perdão  
Caim passado lhe pede  
Que o coxo lhe carregue  
Nesses meus oito em quadrão

# CRUZ E PREGO

Música: Joel Teixeira

Letra: Edson Penha

Ô Maria, cê tem dó de mim  
Ô Maria, cê sai da janela  
Ê Maria, não brinque assim  
Cê passe a tramela  
Se apegue na reza  
Que o coisa é ruim

Ô Maria, cê tem dó de mim  
Ô Maria, cê sai da janela  
Ê Maria, não brinque assim  
Cê passe a tramela  
Se apegue na reza  
Que o coisa é ruim

Lá fora tá escuro, nem céu  
Temporal deixou uma névoa  
A lua tá perdida num véu  
Feche tudo que se preza

Já tô ouvindo urro, Maria  
Capelobo vem com pressa  
Põe fogo já na vela, Maria  
Brava reza é que se preza

Ô Maria, cê tem dó de mim  
Ô Maria, cê sai da janela  
Ê Maria, não brinque assim  
Cê passe a tramela  
Se apegue na reza  
Que o coisa é ruim

Ô Maria, cê tem dó de mim  
Ô Maria, cê sai da janela  
Ê Maria, não brinque assim  
Cê passe a tramela  
Se apegue na reza  
Que o coisa é ruim

O bicho é marrento, é fuá  
Tem corpo de gente, credo  
Cabeça é de tamanduá  
Santo Cristo, cruz e prego

Zezim Pindará é quem diz  
Ele tem bico em rebolo  
Trepana a cuca do cabra  
Pra chupar o que é miolo

Ê Maria, o que você que ver?  
Ê cê tá zombando sem saber  
Ê não vale um conto o seu querer  
Cê só aumenta o meu sofrer!

Ô Maria, cê tem dó de mim

Ô Maria, cê sai da janela  
Ê Maria, não brinque assim  
Cê passe a tramela  
Se apegue na reza  
Que o coisa é ruim

Ô Maria, cê tem dó de mim  
Ô Maria, cê sai da janela  
Ê Maria, não brinque assim  
Cê passe a tramela  
Se apegue na reza  
Que o coisa é ruim

Zagazaia, azagazaia  
Azagazaia, azaiô azaiô, zagueiá  
Zagazaia, azagazaia  
Azagazaia, azaiô azaiô, zagueiá

# DÉ E BARTIRA

Música: Xavier Bartaburu

Letra: Edson Penha

No arraial do porto  
Num Alenquer  
Duas donzelas  
Ficaram prenhas  
Não foi de homem  
Não se atenha  
Foi de um matuto  
Um tapeia-mulher

História encantada  
Torta e maldada  
Pai e mãe delas  
Mão, fogo em brasa  
Moças tão puras  
De santo-e-senha  
E juram pé-junto  
De boto estão prenhas

Prainha de rio,  
Em noite festeira  
A Lua em cuia  
Já teima reinar  
Tem festa de santa  
De padroeira  
Fogório, cachaça  
E dança de par

A prata e o rio  
O ouro e a fogueira  
De branco trajava  
E vem namorar  
Esconde em sua graça  
Magia certa  
Garrido, gaiato  
Aí vem farrear

No baile depois da fé  
De chapéu, fuminho  
Qual prenda ele quer?  
Na dança do bate-pé  
Com lábia e jeitinho:  
Vem cá, vem, mulher! (2x)

Pra Dé, branquinha  
O boto foi louro  
De olhos de céu  
E lábios de ouro  
Bartira é cabocla  
E ele foi pardo  
Conversa de santo  
Promessa de garbo (2x)

Antes do dia amanhecer  
O amor já tinha virado curva

Amor de entrega, de se perder  
Uma na vaga, outra na turva

Bem antes do galo anunciar  
No rio, o moço foi se esconder  
No breu mais fundo, pra descansar  
Boto que era, que voltou a ser

No baile depois da fé  
De chapéu, fuminho  
Qual prenda ele quer?  
Na dança do bate-pé  
Com lábia e jeitinho:  
Vem cá, vem, mulher! (4x)

# ESTRELA GUARANI

Música: Xavier Bartaburu

Letra: Jean Garfunkel

Nem luz, nem lua cheia  
Nenhum raio alumiou  
Nem brasa, nem fogueira  
Nem candeia, nem calor

No breu do céu só eu  
E o meu marchador  
Sopra o minuano  
Assobiando a minha dor

Onde ela se escondeu  
Ninguém mais achou  
Pampa é mar aberto  
Decerto o barco extraviou

Negrinho do pastoreio  
Eu campeão o que perdi  
Minha prenda minha  
Índia estrela guarani

Negrinho do pastoreio  
Eu campeão o meu amor  
Que eu vivo por causa dela  
E acendo essa vela  
Em teu louvor

(instrumental)

Negrinho do pastoreio  
Eu campeão o que perdi  
Minha prenda minha  
Índia estrela guarani  
Negrinho do pastoreio  
Eu campeão o meu amor  
Que eu vivo por causa dela  
E acendo essa vela  
Em teu louvor

# FACA NA CANOA

Música: Xavier Bartaburu

Letra: Edson Penha

Citação: doutrina de tambor da mata do Maranhão

No São Francisco  
Em noite enluarada  
Não vá pescar  
Sem faca bem lustrada

No São Francisco  
Em noite enluarada  
Só vá pescar  
Com faca bem lustrada

Caboclo d'água,  
Cor de cobre, ribanceira  
Na espera, na espreita  
De maldade traiçoeira

Caboclo d'água  
Cor de cobre, ribanceira  
Na espera, na espreita  
De maldade traiçoeira

No sopra-vento  
Vem, vem o pá-virada  
Virar canoa  
O que sobra é quase nada

No sopra-vento  
Vem, vem o pá-virada  
Virar canoa  
O que sobra é quase nada

Caboclo d'água  
Cor de cobre, vinganceiro  
Solitário, bulideiro  
Maltratando os canoeiros

Caboclo d'água  
Cor de cobre, vinganceiro  
Solitário, bulideiro  
Maltratando os canoeiros, ê!

Espete a faca, já  
No fundo da barca, cá  
Que ele se afasta, tá  
Magia de proteção  
Espete a faca, cá  
No fundo da barca, já  
Que ele se afasta, lá  
Pro escuro do grotão

Caboclo d'água  
É dito do meu sertão  
Do tempo velho  
Tempo de assombração  
Só quem já viu pode contar

O rosto cisma  
E o barranqueiro  
Se benze todo pra contação

Caboclo d'água  
Não é imaginação  
É coisa séria  
Em noite de encantação  
Só quem fugiu pode contar  
Corpo arrepia  
E o canoeiro  
Arruma jura de proteção, ê!

Espete a faca, já  
No fundo da barca, cá  
Que ele se afasta, tá  
Magia de proteção  
Espete a faca, cá  
No fundo da barca, já  
Que ele se afasta, lá  
Pro escuro do grotão (2x)

Eu vim salvar terreiro  
Tem pena de mim, tem dó!  
Eu vim salvar terreiro  
Tem pena de mim, tem dó!  
A volta do mundo é grande  
Poder de Deus é maior!  
A volta do mundo é grande  
Poder de Deus é maior! (3x)

# NA CURVA DO RIO DE LÁ

Música: Xavier Bartaburu

Letra: Edson Penha

Na curva do rio de lá  
Rio das margens estranhas  
Mescla do ontem e do já  
Dos causos e das façanhas  
Sem pé ou fim, aguatá

Na ranha, um furo é o que há  
Escuso farto de manha  
Não zombe daquele acolá  
Cruz-credo, que a coisa é canha  
O conto eu conto onde até dá  
O conto eu conto onde até dá

Grotão de assombro é onde ela se esconde  
No ermo, em hora do sol ninar  
Ela cicia, espreguiça e responde  
Canto de encanto, que é o seu trilar  
A todos que vivem na fronde

Canção de assanho é o que ela conjura  
Há quem procure sem procurar  
Ao andarilho da noite escura  
Se mostra casta, flor singular  
Um tato de seda e ternura  
Lume a espreitar

Certeiros olhos a vagalumear  
Pele morena da cor do cajá  
Teia-cabelo na água a espraiar  
Nua, formosa, miraia, agá

Fruta madura pra se apanhar  
Lábios de manga pra se lambuzar  
Braços e dedos pra todo desejo  
Brilho de estrela, perpétuo alunar  
Ilusão de um saciar benfazejo

Quem com ela não quer brincar?  
Quem com ela não quer brincar?  
Quem com ela não quer brincar?

O que ela esconde? Artimanha e fome  
O que ela espera? Capricho de homem  
O que deseja? Afeto de morte  
O que despeja? Um corpo sem sorte

Ipupiara, Mãe d'Água do rio, Boto-mulher  
Arupiara, sereia do rio, Peixe-mulher  
Ipupiara, Mãe d'Água do rio, Boto-mulher  
Arupiara, sereia do rio, Peixe-mulher (3x)

# SACI

Música: Guinga  
Letra: Paulo César Pinheiro

Quem vem vindo ali  
É um preto retinto e anda nu  
Boné cobrindo o pixaim  
E pitando um cachimbo de bambu

Vem me acudir  
Acho que ouvi seu assovio  
Fiquei até com cabelo em pé  
Me deu arrepio, frio

Quem vem vindo ali  
Tá capengando numa perna só  
Só pode ser coisa ruim  
Como bem já dizia minha vó

Diz que ele vem  
Montado num rodaminho  
Já sei quem é, já vi seu boné  
Surgir no caminho

Quando ele vê que eu me benzi  
E que eu me arredo, cruz credo  
Solta uma gargalhada  
Some na estrada

Quem vem vindo ali  
É um preto retinto e anda nu  
Boné cobrindo o pixaim  
E pitando um cachimbo de bambu

Vem me acudir  
Acho que ouvi seu assovio  
Fiquei até com cabelo em pé  
Me deu arrepio, frio

Quem vem vindo ali  
Tá capengando numa perna só  
Só pode ser coisa ruim  
Como bem já dizia minha vó

Diz que ele vem  
Montado num rodaminho  
Já sei quem é, já vi seu boné  
Surgir no caminho

Quando ele vê que eu me benzi  
E que eu me arredo, cruz credo  
Solta uma gargalhada  
Some na estrada

Era o Saci!

# SETE

Música: Xavier Bartaburu

Letra: Edson Penha

Lua que rasga o negro do céu  
Cheia, alumia esse mundo infiel  
Treme o nervo, é outra igual  
João Goiás já sabe  
Reconhece o sinal

Lua das bandas do mundaréu  
Brilho sereno, calado e griséu  
Na sexta noite, fim da semana  
João Goiás já sabe  
Vai repetir seu drama

Condenado sem ter culpa  
Pena seu penar fadado  
Ver seu corpo malogrado  
Por um cão endiabrado

Mãe rezou e não quis crer  
Sete mil vezes legado  
O que é, quer ser e ser  
Não se estanca o que é coisado

Quando a Lua se faz prumo  
João geme e toma o rumo  
Desatina desumano  
Vira o mundo em desengano

Quando a Lua Cheia estala  
João Goiás perde a fala  
Vivo em dor, amargurado  
Urra e uiva alucinado

Sete irmãs e um varão  
Sete vezes maldição  
Sete adros pra vencer  
Antes do amanhecer

Sete ruas em cruzado  
Sete horas sitiado  
Sete urros no arrebol  
Antes de raiar o Sol

Quando a luz agulha o céu  
Lua parte pra outro déu  
João Goiás dorme inocente  
Nu em pelo e indecente

Tão calado quase morto  
Quase vivo em desconforto  
Segue a vida, enfadonho  
João Goiás é cão demonho  
Sete irmãs e um varão  
Sete vezes maldição  
Sete adros pra vencer  
Antes do amanhecer

Sete ruas em cruzado  
Sete horas sitiado  
Sete urros no arrebol  
Antes de raiar o Sol

Sete irmãs e um varão  
Sete vezes maldição  
Sete adros pra vencer  
Antes do amanhecer

Sete ruas em cruzado  
Sete horas sitiado  
Sete urros no arrebol  
Antes de raiar o Sol

# ZANGA

Música: Xavier Bartaburu

Letra: Edson Penha

Não se arrisque, sinhô  
Nessa caçada  
É sexta-feira, sinhô  
Tudo tem regra seu moço  
Num tô de alvoroço  
Nem tô de piada

Não renegue, sinhô  
Que a crença é brava  
É o capiroto, sinhô  
Leve cachaça e fumo  
Cuidado com o rumo  
Não atente à chamada

Lá vem Curupira  
Ê, com vara e zanga  
Fazendo algazarra,  
Assustando os cães  
Urrando vingança

Lá vem Curupira,  
Ê, com vara e zanga  
Fazendo algazarra,  
Batendo nos homens,  
Salvando suas bandas

No adentro da mata  
Tem um protetor  
De sérias maldades  
Ao vil caçador  
De pés invertidos  
De lei impudor  
Mirrado de altura  
Guedelha de fogo  
Que encarna maldades  
E espalha temor

É o tal Curupira  
Caipora feitor  
De duros castigos  
E juras de dor  
Dos olhos em brasa  
De corpo indolor  
No lombo do porco  
Cavalga alteroso  
Soberbo das raivas  
Causando temor

Lá vem Curupira!

Ê, com vara e zanga  
Fazendo algazarra,  
Assustando os cães  
Urrando vingança

Lá vem Curupira,  
Ê, com vara e zanga  
Fazendo algazarra,  
Batendo nos homens,  
Salvando suas bandas